



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA  
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**ANGELA MARIA BARBOSA DE AGUIAR BATISTA**

**A LUDICIDADE NO PROCESSO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE**

JOÃO PESSOA – PB

2014

**ANGELA MARIA BARBOSA DE AGUIAR BATISTA**

**A LUDICIDADE NO PROCESSO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

JOÃO PESSOA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B333|Batista, Angela Maria Barbosa de Aguiar

A ludicidade no processo de leitura na educação infantil  
[manuscrito] : uma reflexão sobre a prática docente / Angela Maria  
Barbosa de Aguiar Batista. - 2014.  
30 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual  
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Soraya Barros de Almeida  
Brandão, Departamento de Educação".

1. Leitura. 2. Educação infantil. 3. Ludicidade. I. Título.

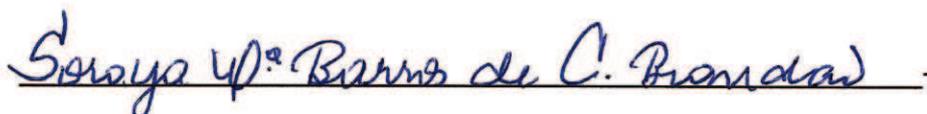
21. ed. CDD 372.4

**ANGELA MARIA BARBOSA DE AGUIAR BATISTA**

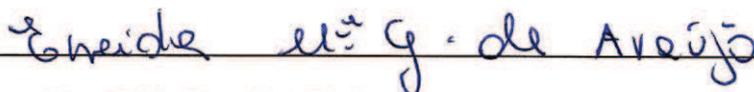
**A LUDICIDADE NO PROCESSO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação - PB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

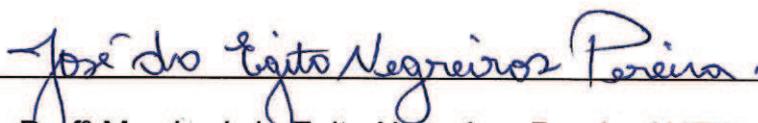
Aprovada em 14/06/2014



Prof<sup>a</sup> Ms Soraya Maria Barros de Almeida Brandão / UEPB  
Orientadora



Prof<sup>a</sup> Ms Eneida Maria Gurgel de Araújo / UEPB  
Examinadora



Prof<sup>o</sup> Ms José do Egito Negreiros Pereira / UEPB  
Examinador

Dedico esta monografia a Deus, por ser a minha luz e salvação e a proteção da minha vida em todos os momentos, por ter dado força e coragem para chegar onde cheguei, vencendo todos os desafios.

Aos meus pais, José Soares de Aguiar (in memoriam) pela dedicação, incentivo, compreensão e amor, dedico.

A minha família, que abriram mão dos momentos de convívio, entendendo a minha ausência e a necessidade de maiores conhecimentos no âmbito educacional.

## **AGRADECIMENTOS**

A nossa Senhora Aparecida, mãe e protetora, por ter me concedido a alegria e a oportunidade de viver esta experiência singular e necessária para o meu desempenho profissional.

A professora Ms Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, pelo incentivo incansável das leituras sugeridas ao longo dessa orientação e dedicação.

Ao meu esposo, Evandro Cunha Batista, companheiro e amigo, que soube compreender o sentido de luta, pelo apoio e dedicação nas horas mais difíceis, cansaço e desânimo.

Aos meus filhos, Olympio Rogaciano, Idalina Kássia e Evandro Junior, que são tudo em minha vida e pela grandeza do nosso amor e paciência, nos momentos em que lhes faltei, em busca dos meus objetivos.

A todos os professores do curso de especialização da UEPB, em especial a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>Giulianna Dias Vieira, pela atenção e apoio sempre prestado com seus conhecimentos enriquecendo a minha formação acadêmica.

A todos os colegas que durante o curso contribuíram para nosso crescimento.

*“Precisamos contribuir para criar a escola que é a ventura, que marcha que não tem medo de risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que aproximadamente diz sim a vida”.*

*Paulo Freire*

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a leitura na educação infantil, considerando a ludicidade como elemento crucial nesse processo. Para isso, partimos dos seguintes questionamentos: Como tem sido as práticas de leitura na educação infantil? Estamos estimulando nossos educandos à prática da leitura? De que forma poderíamos facilitar o processo de leitura na educação infantil? A imprecisão sobre a especificidade desse nível de educação engendra práticas pedagógicas distorcidas, restritas, na maioria das vezes, somente ao ensino descontextualizado e mecanizado da leitura. Partindo desses pressupostos, entendemos a importância da ludicidade para o desenvolvimento da leitura da criança. Salientamos que os primeiros contatos da criança com o mundo da leitura devem ocorrer de forma prazerosa, desenvolvendo a imaginação, a criatividade e, conseqüentemente, o gosto pela leitura. É por esse viés que a criança constrói conhecimento, de maneira simples e prazerosa. Como fonte teórica nos apoiamos nos estudos realizados por Lajolo (1982), Smolka (1993), Kleiman (1997), Sandroni e Machado (1998), Kaercher (2001), Gilda Rizzo (2001), Barros, Santos, Barbosa (2003), Maluf (2003), Fischer (2005), Groxko (2006), Atiê (2007), Oliveira e Queiroz (2009), Ostetto (2010), Percília (2012), dentre outros.

**Palavras- chave:** Leitura. Educação Infantil. Ludicidade

## ABSTRACT

The present study aims to reflect on the reading in early childhood education, considering playfulness as a crucial element in this process. For that, we set the following questioning: How has reading practices in early childhood education? We are encouraging our students to practice reading? How could facilitate the process of reading in early childhood education? The imprecision about the specificity of this level of education engenders restricted, in most cases, only the decontextualized and mechanized teaching of reading distorted teaching practices. Based on these assumptions, we understand the importance of playfulness to the development of the child reading. We note that the first contacts of the child with the world of reading should occur a pleasurable way, developing imagination, creativity and hence the reading habit. It is from this angle that the child constructs knowledge in a simple and pleasurable way. As theoretical source support in the studies performed by Lajolo (1982), Smolka (1993), Kleiman (1997), Sandroni and Machado (1998), Kaercher (2001), Gilda Rizzo (2001), Barros, Santos, Barbosa (2003) , Maluf (2003), Fischer (2005), Groxko (2006), Atiê (2007), Oliveira and Queiroz (2009), Ostetto (2010), Percília (2012), among others.

Keywords: Read; Childhood education; Playfulness

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO -----	11
2	ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DA LEITURA -----	13
	2.1 Concepções de leitura -----	13
	2.2 Historicizando o ensino da leitura: breves considerações -----	16
3	A PRÁTICA DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL -----	20
	3.1 Aspectos conceituais -----	20
	3.2 A prática lúdica e o ensino de leitura -----	25
4	CONCLUSÃO -----	29
	REFERÊNCIAS -----	31

## INTRODUÇÃO

Vários estudos têm evidenciado a importância da inserção da leitura na vida das crianças desde sua tenra idade. É preciso levar em conta, que as crianças pequenas, mesmo muito antes da alfabetização, já lêem, folheando livros e olhando figuras, ainda que não decodifique palavras e frases escritas. E o processo de aprendizado da leitura começa com a percepção da existência de coisas que servem para ser lidas e de sinais gráficos.

Ela aprende observando o gesto de leitura dos outros – professores, pais ou outras crianças. Quanto mais cedo histórias orais e escritas entrarem na vida da criança, maiores as chances de ela gostar de ler.

Sabemos que a leitura é a prática cultural mais diretamente ligada à escolaridade. Ela representa um enorme diferencial para quem consegue permanecer mais tempo na escola, tanto na capacidade quanto na prática da leitura.

Ensinar o aluno a gostar de ler é uma das principais contribuições que a escola pode dar à sociedade. Formar leitores que recorram à escrita para satisfazer necessidades práticas, ou como fonte de entretenimento, ou como fruição estética, é um desafio que requer o planejamento de situações de leitura de qualidade e com sentido por parte das escolas.

Ler e escrever são as bases para o desenvolvimento intelectual da criança, bem como para o convívio em sociedade. É evidente a dificuldade que muitas crianças e adultos possuem em ler. Muitos acreditam que tal problema é oriundo de uma má alfabetização, porém deve-se ressaltar que os processos que envolvem a aquisição leitura são inúmeros.

Percebe-se que as tecnologias do mundo moderno fizeram com que as pessoas deixassem a leitura de livros de lado, o que resultou em jovens cada vez mais desinteressados pelos livros, possuindo vocabulários cada vez mais pobres. Diante disso, esperamos sensibilizar os discentes, como a simples mudança comportamental quanto aos hábitos literários.

De acordo com Percília (2012), a leitura é algo crucial para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a

interpretação. Muitas pessoas dizem não ter paciência para ler um livro, no entanto, isso acontece por falta de hábito, pois se a leitura fosse um hábito as pessoas saberiam apreciar uma boa obra literária, por exemplo.

Nesse sentido, cabe questionarmos: Como tem sido as práticas de leitura na educação infantil? Estamos estimulando nossos educandos à prática da leitura? De que forma poderíamos facilitar o processo de leitura na educação infantil? A falta de conhecimento na leitura e no desenvolvimento da escrita é um fator restritamente da escola ou há uma aresta referente a família?

Essas questões se traduzem no objetivo do presente estudo: refletir sobre o processo de leitura na educação infantil. Como objetivos específicos, temos: enfatizar a importância do estímulo da leitura na educação infantil; identificar as principais arestas na educação referente à leitura; esclarecer a necessidade de atividades lúdicas associada à leitura.

Para atender os objetivos exposto, nos utilizamos de uma pesquisa bibliográfica, que conforme Gil (2002, p. 48),

[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Como suporte teórico tivemos os estudos realizados por Lajolo (1982), Smolka (1993), Kleiman (1997), Sandroni e Machado (1998), Kaercher (2001), Gilda Rizzo (2001), Barros, Santos, Barbosa (2003), Maluf (2003), Fischer (2005), Groxko (2006), Atiê (2007), Oliveira e Queiroz (2009), Ostetto (2010), Percília (2012), dentre outros.

Nossa pesquisa foi organizada em dois capítulos. No primeiro capítulo abordamos brevemente os aspectos históricos e conceituais da leitura.

No segundo capítulo tratamos da leitura na Educação Infantil, enfatizando a prática docente voltada para a ludicidade.

Por fim, tecemos nossas considerações acerca da temática em questão.

## CAPÍTULO I

### ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DA LEITURA

#### 2.1. Concepções de leitura

A leitura é imprescindível ao processo de decodificação das informações. Entretanto, percebe-se que grande parte da população não desenvolveu habilidades necessárias para uma leitura crítica e reflexiva, não havendo o interesse, o gosto pela leitura, o qual deve ser um “exercício” a ser praticado constantemente, pois é indispensável manter-se informado, principalmente para os professores que devem dominar as técnicas de uma boa leitura, para estimular seus alunos, desde cedo, a tornarem-se leitores. Para o processo de aprendizagem, na escola, a leitura é essencial (GROXKO, 2006). Sabemos que a leitura é um meio crucial na construção de novas aprendizagens, pois permite a ampliação de conhecimentos elevando o desempenho cognitivo. A leitura também favorece a ampliação do vocabulário, bem como uma maior fluência na comunicação.

Martins (1994) evidencia que a leitura vai além do texto escrito, na realidade, engloba tudo o que se conhece do mundo que nos cerca e que carece de observação. Inicia mostrando o quão diverso é o sentido da leitura, quebrando a restrição da palavra escrita, e abrindo uma gama de outras opções, tais como imagens, sons, gestos etc. e que independem do ambiente escolar.

Conforme defende Sandroni e Machado (1998, p 32-33), ler é um ato de conhecimento, pois significa perceber e compreender as relações existentes no mundo. Nesse sentido, podemos definir leitura como “[...] um ato individual, voluntário e interior [...]”, que se inicia com a decodificação dos signos linguísticos que compõem a linguagem escrita convencional, mas que não se restringe à mera decodificação desses signos, pois, a leitura exige do sujeito leitor a capacidade de interação com o mundo que o cerca.

Assim sendo, Lajolo (1982, p. 59) defende que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Entretanto, nem sempre a leitura foi definida desse modo. No início ela consistia na mera capacidade de obtenção de informações visuais com base em algum sistema codificado, bem como na compreensão de seu significado. Mais tarde passou a significar quase de modo exclusivo, a compreensão de um texto contínuo como sinais escritos sobre uma superfície gravada. Mais recentemente, incluiu também a extração de informações codificadas de uma tela eletrônica. E a definição de leitura continuará, por certo, a se expandir no futuro porque, assim como qualquer outra aptidão, ela também é um indicador do avanço da própria humanidade (FISCHER, 2005)

Na sociedade contemporânea, a leitura tem um papel fundamental na vida do indivíduo a ponto de ser considerada uma das principais preocupações e prioridades do ensino fundamental. Dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), atual Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC) mostram que o não aprendizado da leitura tem acarretado grandes dificuldades no desenvolvimento das crianças ao longo do ensino e gerando como consequência um número elevado de repetência e evasão escolar (BARROS, SANTOS, BARBOSA, 2003).

Esse fato tem inquietado professores e pesquisadores, que buscam constantemente refletir sobre essas questões com vistas a elaborar novas estratégias de ensino. É importante considerar que a prática de leitura em sala de aula, muitas vezes, preocupa-se apenas em fazer o aluno decodificar textos e responder mecanicamente algumas questões propostas, bem como com o ensino da gramática. Esses textos, em sua grande maioria, não têm nenhum significado para o aluno uma vez que estão distantes de sua realidade.

Segundo Oliveira e Queiroz (2009, p.2):

[...] entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade.

Diante disso, entendemos que o ato de ler deve levar a criança à compreensão e reflexão do que está sendo lido e não apenas a decifração de palavras e interpretações pré-determinadas com base no que está explicitamente sendo mostrado, o que mostra uma passividade do leitor no que se refere à produção de sentidos.

Kleiman (1997) aponta a leitura como um conjunto de processamento que está ancorado em três níveis de conhecimento, quais sejam: o conhecimento linguístico (quando o leitor compreende e atribui significados ao texto), conhecimento textual (quando percebemos se o texto é coerente ou não) e o conhecimento prévio (é o que o leitor tem sobre o mundo em geral). Para a autora, esses níveis devem estar integrados. Nesse sentido, temos a leitura como um processo interativo que envolve simultaneamente vários conhecimentos, os quais foram citados acima.

Essa concepção de leitura é colocada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (BRASIL, 1998, p.69), da seguinte forma:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre linguagem, etc. [...] Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência [...].

Temos então uma concepção de leitura de cunho interacionista, em que o texto age sobre o leitor e o leitor age sobre o texto numa ciranda de múltiplos sentidos. Essa concepção se contrapõe a visão redutora da leitura, focada apenas na ação de oralizar o que está escrito sem compreender as idéias referenciadas pelos textos.

Vale ressaltar que a contribuição da família é crucial no processo de leitura da criança, pois é consensual a importância da criança manipular ou ter

contato com livros desde a mais tenra idade para que essa tenha maior apetência pelo ato de ler. Nesse sentido, entendemos que a formação do leitor inicia-se no âmbito familiar e se processa em longo de toda vida, tendo a escola o seu papel singular.

Embora a família tenha uma função de valor inestimável na formação leitora dos indivíduos, recai tradicionalmente sobre a escola a função de iniciar e desenvolver a criança nas práticas de leitura. Assim sendo, o ambiente familiar e a escola de Educação Infantil exercem grande importância na formação do sujeito leitor.

## **2.2 Historicizando o ensino da leitura: breves considerações**

A leitura surgiu da necessidade de comunicação e compreensão dos povos que tentavam desvendar os segredos das figuras, das escritas hieroglíficas, entre outras expressões populares. Na antiguidade, a aprendizagem da leitura era uma necessidade destinada apenas aos homens com fins de leitura própria dos documentos destinados a classe dominante. Assim, os responsáveis pela leitura e escrita eram os escribas reais que pertenciam à casta de técnicos (escravos ou clérigos) que dependiam do poder para exercer suas funções (BARTHES, COMPAGON, 1987, p.184).

As leituras aconteciam de forma controlada para evitar que as pessoas obtivessem um grande conhecimento através dos livros e se tornassem autônomos, livres e atuantes numa sociedade na qual somente os homens poderosos davam ordem, controlavam a vida de toda a sociedade. Desde cedo, os “letrados” notavam que o ato de ler transmitia uma visão ampla do mundo aos leitores, domínio de argumentação, poder, influenciando diretamente e indiretamente na sua ação e atitude, independente do período da história vivenciado por homens, que ansiavam a liberdade, portanto, havia certo medo dos que a dominassem (SANTANA, 2003).

Segundo Harris e Hodges (1981, apud CRAMER & CASTLE, 2001, p.14), nesse contexto, a leitura é vista desde os primórdios até os dias atuais associada às lutas sociais, períodos históricos, à manutenção do poder das classes dominantes, reforçando discriminações e ampliando as inúmeras

desigualdades já existentes. O direcionamento dado à leitura na escolha dos textos lidos pelas classes populares era sob orientação do clero, que controlava o tipo de leitura do povo.

Esse fato pode ter trazido consequências negativa na educação atual, resultando no desencadeamento de “a literatura, falta do hábito de leitura em leitores capazes que preferem não ler, uma vez que não havia o livre arbítrio na hora de exercer a leitura. Logo, as pessoas não poderiam desenvolver gostos literários que não fossem aprovados pela igreja.

Em pleno século XXI, o Brasil ainda não superou o enorme déficit no que diz respeito às práticas leitoras dos textos escritos. De acordo com o Mapa do Analfabetismo no Brasil (INEP, 2003), em 2000, o Brasil ainda possuía cerca de 16 milhões de analfabetos absolutos. Ainda em termos de analfabetismo, o Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional – INAF- 2005, realizado pelo Instituto Paulo Montenegro, demonstrou que apenas um a cada quatro jovens e adultos brasileiros consegue compreender totalmente as informações contidas em um texto e relacioná-las com outros dados. Os demais são analfabetos funcionais (ATIÊ, 2007)

Como a invasão da alfabetização nas sociedades iletradas, as pessoas começam a ter atitudes diferenciadas quanto às informações recebidas oralmente. Através da leitura e dos textos que chegaram até elas, passaram a contar a oportunidade de comprar o teor destes textos alegando assim, os verdadeiros e corretos em oposição aos destorcidos.

Ellis (1995, p.85) analisa:

[...] a imensa maioria dos homens que já viveram era iletrada, e mesmo hoje creio que uma porcentagem muito grande, e talvez a maioria da população mundial, jamais tiveram a oportunidade de aprender a ler. A maioria de nós vem de famílias que, quatro gerações atrás, não possuía a capacidade de leitura.

Em meados do século XVIII, a leitura assume uma proporção influente, para promover uma revolução cultural nas sociedades ocidentais. Isto acontece, em parte, por conta da divulgação mecânica dos bens culturais e, por outro lado, pela amplitude dos sistemas escolares dando ênfase a

alfabetização, tornando possível que maior número de leitores tivesse acesso à escrita.

A habilidade de ler e compreender textos é uma condição sem a qual uma pessoa encontrará sérias dificuldades para enfrentar os desafios na sociedade tal como está organizada neste início de século XXI. As diversas formas de interação social exigem que um indivíduo possua a capacidade de ler para conseguir se inserir na maioria das situações sociais (FISCHER, 2005).

Como não poderia deixar de ser, os interesses econômicos e políticos da época tiveram grandes influências na afirmação desse processo. A leitura, em sua trajetória, passou pelo iluminismo que valoriza seu elemento imedialista, chegando a ser considerada ponte para liberdade e ação libertadora até a massificação onde se visava que as obras literárias pudessem ser lidas rapidamente e substituídas por outras.

No entanto, a classe dominante não conseguiu castrar os direitos da alfabetização a todos aqueles que reclamavam.

Segundo Ellis (1995, p.85), “[...] o segredo da alfabetização era frequentemente guardado a sete chaves. Apenas nos últimos 100 anos ou algo em torno disso, a alfabetização foi declarada como um dos objetivos da sociedade.”

No Brasil, desde 1960, que vem ocorrendo a preocupação com a causa do fracasso escolar, levando-se a crer que o aluno era responsável, uma vez que os métodos utilizados funcionavam para uma parte deles. Apareceram então os exercícios de prontidão para compensar os déficits na aprendizagem da leitura dos alunos nas primeiras séries da escola, pois se entendia que esses exercícios supriam o que faltava para que não ocorressem os fracassos.

A hipótese subjacente era de que o treino de conjunto de habilidades psicomotoras produziria as condições necessárias para aprender a ler (BRASIL, PCNs- V.2, LINGUA PORTUGUESA, 2000).

Os avanços tecnológicos associadas à telecomunicações impulsionaram a revolução digital, e essas tecnologias digitais do século XXI, geram novas demandas, novas normas de organização social, nas quais as fronteiras geográficas são rompidas e a sociedade já não se organiza em função de proximidade, mas sim pelos interesses afins.

De acordo com Santana (2003, p.p 20-22),

Parte-se da hipótese de que a leitura associada à internet é capaz de modificar toda uma geração de internautas em seres atualizados, cuja informação poderá transformar-se em conhecimentos tão necessários ao mundo contemporâneo.

Com a circulação dos livros e artigos que trazem uma nova visão no processo de como o aluno aprende, especialmente no nível inicial, os educadores, a partir dos anos 80, começaram a compreender aspectos importantes do processo de aprendizagem da leitura. Nesse sentido, busca-se compreender o uso da leitura atrelada as tecnologias como uma nova linguagem e o seu potencial como contributo para a aprendizagem.

Ao fazer uso da internet como forma de expressões cognitivas é possível desenvolver a promoção e o uso da linguagem numa versão moderna. É através de características singulares que tem atraído jovens ao mundo da leitura digital. Contudo, ressalta-se que o mundo digitalizado tem despertado o interesse não apenas dos jovens, mas de pesquisadores em áreas distintas do conhecimento deixando esses estudiosos instigados pela sua forma singular de comunicação, a exemplo das formas surgidas nos chat, Orkut e salas de bate papo.

Segundo Santana (2003), a leitura através da internet torna-se um desafio no processo de aprendizagem no século XXI, considerando que tem produzindo mudanças sociais e culturais, tendo em vista novas formas de comunicação que requerem novas aprendizagens, novas formas de leitura para uma clareza comunicacional. Parte-se do princípio que os recursos tecnológicos divulgam de forma rápida a cultura de um povo, veiculando as peculiaridades de cada sociedade de forma globalizada e atualizada.

À medida que o ser humano insere-se no mundo digitalizado, ampliam-se as possibilidades de um aprendizado útil para sua formação social, facilitando o manusear dos recursos midiáticos.

Comprova-se no cotidiano essa subjugação em todo espaço, é a leitura e interpretação mostrando que é essencial no processo de aprendizagem, necessitando ser inserida na sociedade para que as pessoas não sejam somente seres manipulados por aqueles que a detém (BRANCO 2008).

Nas sociedades atuais, a leitura é imprescindível para o ingresso no mercado de trabalho e para o exercício da cidadania. As pesquisas e as avaliações educacionais apontam para a precária formação de um público leitor. Muito se tem que fazer para alterar essa situação de raro acesso a livros em escolas e bibliotecas, somada ao baixo poder aquisitivo da maior parte dos leitores (ATIÊ, 2007).

Mais que contingencial, no Brasil, é urgente a necessidade de medidas que possibilitem superar o quadro em que nos encontramos. Segundo a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, 61% dos brasileiros adultos alfabetizados têm muito pouco ou nenhum contato com livros. Um aspecto importante da mesma pesquisa aponta que o brasileiro lê em média 1,8 livros por ano, índice muito baixo se comparado ao de países como a França (7.0) ou a Colômbia (2,4). A mesma pesquisa aponta, ainda, que 89% dos municípios brasileiros não possuem livraria (ATIÊ, 2007).

## **CAPÍTULO II**

### **A PRÁTICA DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

#### **3.1 Aspectos conceituais**

A Educação infantil, conforme definida na legislação máxima da educação de nosso país (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96), é a etapa inicial de Educação Básica com finalidade de educar-cuidar de crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, com a finalidade de promover seu desenvolvimento integral. Ancoradas na abordagem histórico-cultural, de L. S. Vygotsky (1998), consideramos que esse processo faz-se mediante a apropriação de práticas da cultura em situações de interação social e de mediação dos outros e da linguagem (CORREIA, 2006)

Esta modalidade de ensino tem um papel fundamental na formação do indivíduo, proporcionando conhecimentos essenciais para o processo de ensino aprendizagem ao longo da sua vida.

Quando nos referimos a Educação Infantil estamos falando também do primeiro contato da criança com o ambiente escolar, assim como em toda a relevância desse momento para sua vida. Sabemos que nos primeiros anos do ser humano é possível potencializar o máximo de suas capacidades cognitivas, psicomotoras e sociais. Esses estímulos terão efeitos decisivos nas fases que se sucedem.

Falar sobre a significação da leitura nas crianças da Educação Infantil nos leva a refletir sobre a atuação do professor, uma vez que é ele um dos mediadores entre a criança e a leitura, influenciando de maneira decisiva a formação do sujeito leitor.

Nesse sentido, queremos chamar a atenção para a forma como a prática de leitura tem sido desenvolvida no âmbito da Educação Infantil, uma vez que há uma tendência em desprezar a especificidade desse nível de educação, as particularidades da pequena infância, desconsiderando sua criatividade, formas de expressão e comunicação e, sobretudo, o grande equívoco em relação às práticas pedagógicas que estão vinculadas às habilidades e não ao letramento em aspecto mais amplo.

Assim, equivocadamente, torna-se cada vez mais presente na educação infantil, a antecipação de atividades voltadas para a formação de habilidades com vistas à preparação para o ensino fundamental, ou seja, muitos educadores antecipam práticas pedagógicas tradicionais de alfabetização com exercícios de prontidão, cópia e memorização, desprezando o caráter lúdico que deve permear esse nível de educação.

A imprecisão sobre a especificidade desse nível de educação engendra práticas pedagógicas distorcidas, restritas, na maioria das vezes, somente ao ensino descontextualizado e mecanizado da leitura e da escrita. Neste caso, a relação da escola com a língua escrita é, basicamente, técnica e instrumental, o que aponta para o conteúdo escolar da alfabetização, distanciando-se da prática de letramento.

Nesse contexto, como aponta Melo, Brandão e Mota (2009, p.), as propostas educativas estariam deixando de considerar o universo natural e cultural da criança, privilegiando o desenvolvimento cognitivo, organizado em

áreas compartimentadas e com ênfase na leitura e na escrita propriamente dita, desvalorizando as múltiplas linguagens da criança.

É importante ressaltar que as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Sendo assim, durante o processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem idéias e hipóteses originais sobre aquilo que procuram desvendar. As crianças desta faixa etária procuram redescobrir o mundo no qual estão inseridos, mas de maneira concreta, vivenciando o passo a passo de cada etapa, tocando, pegando, apalpando, se divertindo. Todas essas considerações sinalizam a necessidade de projetos pedagógicos consistentes e articulados, baseado numa Pedagogia da Infância, considerando o lugar da criança na sua história de vida e reconhecendo sua especificidade.

Em relação às atividades de leitura, aos poucos a criança se apropria desse valioso instrumento de expressão e vai sendo tomada pela sonoridade e ritmo das palavras, pela significação afetiva e imaginativa. Sendo assim, se faz necessário que os professores promovam atividades que envolva momentos lúdicos.

Assim sendo,

[...] quanto mais acentuarmos no dia-a-dia da Escola Infantil estes momentos, mais estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura e na literatura uma fonte de prazer e divertimento (KAERCHER, 2001, p.82).

Dessa forma, a leitura assume uma dimensão bem mais ampla do que apenas decodificar sinais e símbolos.

Segundo Santos (2004), mesmo antes de aprender a ler convencionalmente a criança é colocada em contato com a leitura. A leitura literária como atividade cotidiana constitui-se uma estratégia relevante para a formação inicial do leitor. O importante nessa fase é deixar-se levar pela magia

da história, manusear as obras, encantar-se com as ilustrações e vivenciar a descoberta do mundo letrado.

Segundo os Referencias Curriculares Nacionais para Educação Infantil – RCNEI -, “as práticas de leitura para as crianças que ainda não sabem ler convencionalmente têm um grande valor em si mesmas, sendo que nem sempre são necessárias atividades posteriores” (BRASIL, 1998, v.3, p. 141). Atividades como desenho dos personagens, dramatização de histórias ou perguntas sobre o que foi lido só fazem sentido quando estão propostas dentro de um projeto mais amplo.

Como a imitação faz parte do processo de aprendizagem da criança, ver outras pessoas lendo é importante para as suas primeiras experiências com a leitura. Aprende-se a ler vendo outras pessoas lerem, prestando atenção às leituras que elas fazem para si, tentando ler, experimentando e errando.

A leitura de histórias é um momento que proporciona à criança o conhecimento da forma de viver, pensar, agir de outras culturas, de outros tempos e lugares bem como o universo de valores (KRETZMANN,2006; RODRIGUES, 2005).

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (1998, vol 3) ressalta a importância do manuseio de materiais, de textos (livros, jornais, cartazes, revistas etc.), pelas crianças, uma vez que ao observar produções escritas a criança, vai conhecendo de forma gradativa as características formais da linguagem.

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo: em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura. O primeiro, e talvez o mais importante, é determinado pela criança em sua própria casa.

A criança que houve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que é estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a preparação para a leitura. Sendo assim, pode-se dizer que a capacidade de ler está intimamente ligada a motivação. Infelizmente, são poucos os pais que se dedicam efetivamente em estimular esta capacidade nos seus filhos.

Outro fator que contribui positivamente em relação à leitura é a influência do professor. Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar um importante papel: o de ensinar a criança a ler e a gostar de ler. Professores que oferecem pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolverá na criança um hábito que poderá acompanhá-la pela vida afora. Para desenvolver um programa de leitura numa perspectiva lúdica que venha a favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, é importante que o professor observe a idade cronológica da criança e principalmente o estágio de desenvolvimento de leitura em que ela se encontra.

Não há necessidade de esperar pela alfabetização formal para que as crianças se envolvam com a leitura de histórias infantis e a produção de textos. Entretanto, para que elas se tornem efetivamente leitoras e autoras dos próprios textos, faz-se necessário que, em algum momento do processo de alfabetização, tenham não somente adquirido conhecimentos específicos do código alfabético, mas também dos aspectos linguístico-discursivos em que ele se insere.

Afinal, parafraseando Smolka (1993), não se 'ensina' ou não se 'aprende' simplesmente a ler e a escrever. Aprende-se uma forma de linguagem, uma forma de interação, uma atividade, um trabalho simbólico.

A leitura desperta o interesse e a atenção da criança, desenvolvendo nela, dentre outros fatores, a criatividade, a percepção de diferentes resoluções de problemas, autonomia e criticidade, que são elementos importantes para a formação pessoal e social do ser humano.

A criança quando tem contato com bons modelos literários, não só desperta a sua imaginação, como também facilita a expressão de idéias e a expressão corporal. Quando busca imitar e representar os personagens das histórias, se coloca no lugar dos personagens das fábulas e dos contos de fadas.

É bom frisar também o fascínio que a criança tem pelas ilustrações, pois estas são um convite para um mergulho no universo lúdico. É fácil perceber o entusiasmo que a criança demonstra pelas cores e riquezas das cenas.

É bom ressaltar que a leitura é um processo de contínuo aprendizado e que, desde cedo, é preciso inserir a criança no contexto literário para que de

maneira prazerosa ela venha adquirir intimidade com o texto e aos poucos consiga estabelecer um diálogo com o que ouve ou com o que lê.

### **3.2 A prática lúdica e o ensino de leitura**

A palavra lúdico se origina do latim ludus que significa brincar. Neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos, e divertimentos e é relativa também a conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte. Por sua vez, a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo.

A Ludicidade é um assunto que vem sendo discutido na área da educação, principalmente na Educação Infantil. Nesse nível de ensino, as crianças aprendem melhor quando o professor faz uso de jogos e brincadeiras, pois a aprendizagem se dá de forma natural e prazerosa, ou seja, “a criança aprende brincando”.

Para Aguiar (1998, p.37),

[...] a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo por isso, indispensável à prática educativa. E, pelo fato de o jogo ser um meio tão poderoso para a aprendizagem das crianças que em todo lugar onde se consegue transformar em jogo a iniciação a leitura, ao cálculo ou à ortografia, observa-se que as crianças se apaixonam por essas ocupações, geralmente tidas como maçante.

Além disso, as atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento afetivo, o que certamente contribui para as demais áreas do conhecimento desenvolvendo outras habilidades e competências, pois acreditamos que o “estar bem” é crucial para que o sujeito, seja criança ou adulto, se desenvolva bem em outros aspectos. Acrescentamos, ainda, que a ludicidade é inerente a infância, destacando-se, portanto, como um dos recursos mais eficazes no processo ensino-aprendizagem.

Segundo Castagini (2000), através das brincadeiras o professor cria um momento mágico para o aprendiz, deixando a criança à vontade. Brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, cria e recria o mundo que a cerca.

Brincando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, interação, socialização e concentração entre outras habilidades (MELLO, 2005).

Conforme defende Gilda Rizzo (2001, p. 40), “[...] a atividade lúdica pode ser, portanto, um eficiente recurso aliado do educador, interessado no desenvolvimento da inteligência de seus alunos, quando mobiliza sua ação intelectual” (p.40).

O jogo e a brincadeira estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos e, sobretudo na infância tornando especial a sua existência. De alguma forma o lúdico se faz presente e acrescenta um ingrediente indispensável no relacionamento entre as pessoas, possibilitando que a criatividade aflore.

De acordo com Campos (1986, p.10):

A ludicidade poderia ser a ponte facilitadora da aprendizagem se o professor pudesse pensar e questionar-se sobre sua forma de ensinar, relacionando a utilização do lúdico como fator motivante de qualquer tipo de aula.

Partindo desses pressupostos, entendemos a importância da ludicidade para o desenvolvimento da leitura da criança. A proposta do lúdico é promover uma alfabetização significativa na prática educacional, é incorporar o conhecimento através das características do conhecimento de mundo. O lúdico promove o rendimento escolar além do conhecimento, a fala, o pensamento, o sentimento e a imaginação (SALOMÃO; MARTINI; JORDÃO, 2007).

Verifica-se que a imaginação é um fator inerente ao processo de desenvolvimento da criança e sua utilização no ambiente escolar oferece aos professores um meio de apresentar os princípios da escrita e da leitura.

Os livros, filmes, desenhos animados, entre outras formas de apresentação das narrativas são, geralmente, caracterizados com cores diversas, imagens, animações, musicalidade e ilustrações que prendem a atenção da criança.

Nesse sentido, entendemos que os contos de fadas, as fábulas, as histórias em quadrinhos, os textos informativos, enfim, as histórias infantis são indispensáveis no processo de leitura e escrita da criança, uma vez que são recursos lúdicos. Salientamos que os primeiros contatos da criança com o mundo da leitura devem ocorrer de forma prazerosa, desenvolvendo a imaginação, a criatividade e, conseqüentemente, o gosto pela leitura. É por esse viés que a criança constrói conhecimento, de maneira simples e prazerosa. Pensando dessa forma, o professor coloca a criança como foco do processo, entendendo-a na sua especificidade, ou seja, conduzindo sua prática pedagógica respeitando as necessidades e particularidades da infância, conforme defende Ostetto (2010, p.57):

No contexto da educação infantil, o educador é aquele que caminha junto com as crianças, observando/registando, discutindo e refletindo, sobre suas ações e seus modos de expressão. Assim, ele rompe com a educação centralizada somente no adulto e passa a ter a criança como foco, adotando, então, uma postura não só de observador, mas também de investigador das várias maneiras de ser e viver a infância.

Reafirmamos que as atividades lúdicas, dentre elas, os jogos e as brincadeiras, facilitam o progresso de aprendizagem da criança, permitindo que ela aprenda num espaço de liberdade, despertando o desejo e o prazer de conhecer.

Quanto a isso, Maluf (2003, p. 33) enfatiza:

É através do brincar que a criança vai diferenciando o seu mundo interior (fantasias, desejos e imaginação) do seu exterior que é a realidade por todos compartilhada. Cada criança expressa os seus desejos, fantasias, vontades e conflitos. Faz-se necessário que o professor estabeleça uma conexão entre o prazer, o brincar e o aprender. Ocorrerá uma estimulação da imaginação e da fantasia da criança indo muito mais além de uma intenção educativa.

Assim sendo, se faz necessário que o professor busque novas formas de conduzir sua prática pedagógica inserindo atividades lúdicas no seu

planejamento, aliando o prazer e o divertimento à aprendizagem. Em suma, podemos constatar que a ludicidade cria situações gratificantes e envolventes de aprendizagens. E em relação a sua utilização no desenvolvimento da leitura na Educação Infantil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da nossa proposta inicial de refletirmos sobre o processo de leitura na educação infantil, com base em estudos bibliográficos, entendemos que o processo de desenvolvimento da leitura acontece muito cedo na vida da criança, a princípio na família, sendo aperfeiçoado na escola, continuando pela vida inteira.

Na Educação Infantil, esse processo deve acontecer através de atividades lúdicas, uma vez que a ludicidade facilita o progresso de aprendizagem da criança, permitindo que ela aprenda num espaço de liberdade, despertando o desejo e o prazer de conhecer. Um dos recursos lúdicos cruciais nesse processo é a contação de história.

No entanto, as práticas escolares de letramento tem se restringido, na maioria das vezes ao ato de ensinar a ler e escrever, atrelando esse processo, quase que exclusivamente, à construção descontextualizada e mecanizada, em vez de levar à criança a compreensão ativa e crítica da significação, desejável no letramento.

É necessário, portanto, que as atitudes e procedimentos da ação docente estejam baseados em conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento da criança, levando em consideração as diferentes realidades, bem como as especificidades da infância. Para isso, a leitura precisa ser apresentada de forma estimulante, despertando o interesse das crianças. No entanto, o que se percebe é um trabalho de leitura baseado apenas na decodificação de sílabas, através de cobranças de atividades sem significados para a criança.

Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar o papel de ensinar a criança a ler e a gostar de ler. Para isso, reconhece-se a necessidade da presença constante da literatura infantil na escola, uma vez que esse recurso traz em si uma essência lúdica, a qual encanta, envolve e suscita a imaginação da criança, despertando nela o prazer de ler, de forma simples e natural.

Por fim, reafirmamos que quando as atividades são significativas e prazerosas, a criança aprende com mais facilidade. Em virtude disso, propomos que o ensino de leitura na Educação Infantil aconteça a partir de

atividades lúdicas, buscando estratégias e dinâmicas que vão ao encontro das necessidades de seus alunos, como ressaltamos em todo este estudo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Era uma vez na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.

ATIÊ, L. **Viva leitura**: iniciativas formais e informais. 2007

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. Campinas : Cortez, 1990.

BARROS, C.M; SANTOS, E.G. dos; BARBOSA, L.F. de. F. **Leitura na Educação Infantil**: a questão dos objetivos de ensino. Recife, 2003.

BARTHES, Roland & COMPAGON, Antoine. Leitura. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1987, v. 11, p.184-206.

BRANCO, Antônio. Da “leitura literária escolar” à “leitura escolar de/da literatura”: poder e participação. In: PAIVA, Aparecida, VERSIANI, Zélia, MARTINS, Aracy et al orgs). **Leitura literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069/90. Brasília: Centro Gráfico, 13 de julho de 1990.

BRASIL. Assembléia Legislativa. Ministério da Educação e do Desporto (MEC). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei nº 9.394/96. Brasília: Centro Gráfico, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** (v. 3). Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CAMPOS, D. M. S. – **Psicologia da Aprendizagem**, 19º ed., Petrópolis: Vozes, 1986.

CASTAGINI, F.S; BABY, M.S. **O lúdico na educação infantil**. 2000

GIL, M.S.C.A. Interação professor-aluno: um exercício de controles recíprocos. **Tese de Doutorado Apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**. São Paulo, 1990.

GROXKO, M.C. **Leitura na escola: percepção** de professores e alunos de 4ª e 8ª séries. São Paulo, 2001

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da linguagem. 5. ed.

Campinas-SP: Pontes, 1997.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 8ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2002.

KRAMER, Sonia. Ler, escrever e contar: os professores e suas experiências com livros (a escola produz não leitores? In: \_\_\_\_\_ **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. Rio de Janeiro: Escola de professores, 1995.

KRETZMANN, C., RODRIGUES, E.M.F. **A leitura na educação infantil**. Campinas, 2006

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 6ª ed. São Paulo. Editora Ática, 2000.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente - Conversas sobre leitura e política**. São Paulo, SP: Ática, 1999.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer a aprendizado**. Petrópolis: Vozes, 2003

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MELO, F.L. de. **A contribuição do lúdico para o desenvolvimento da leitura na pré-escola**. São Paulo: Taubaté, 2005.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes**. RN, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em 20 de março de 2014.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

RIZZO, Gilda, 1937. **Jogos Inteligentes: A Construção do Raciocínio na Escola Natural- 3ª ed.**- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R.(orgs). **A criança e o livro: Guia prático de estímulo à leitura**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

SALOMÃO, H.A.S; MARTINI, M.; JORDÃO, A.P.M. **A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado**. São Paulo, 2007.

SANTANA, M.D; SILVA, G.A.S; SANTANA, C.M.H. **Leitura e Internet: desafios** no processo de aprendizagem no século XXI. Campinas, 2000.

SMOLKA A L B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização a alfabetização como processo discursivo.** 6ª. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SMOLKA, A. L. B. A atividade da leitura e o desenvolvimento das crianças: considerações sobre a constituição de sujeitos leitores In: SMOLKA, A. L. B. (org.) **Leitura e desenvolvimento da linguagem.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p.23-41